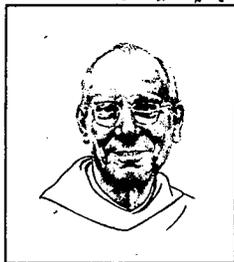


Educação

ESTADO DE SÃO PAULO

Desmembramento do segundo grau

ESTADO DE SÃO PAULO



**Reduzi-lo à
antecipação de
especializações
é preparar
robôs em lugar
de gente**

Volta aos jornais, pela voz do ministro, a notícia de que, em 1998, o ensino médio será desmembrado em cinco variações. O anúncio assusta e preocupa. Somos incorrigíveis. A experiência não nos ensina. Temos de fazer diferente do que fez o antecessor. Se não conseguimos inventar uma nova moda, voltamos ao passado, com a presunção de que, mais sabidos, consigamos realizar com proveito o que os antigos abandonaram porque se mostrara infrutífero.

Não se trata de variar o segundo grau em vista de profissão de segundo grau. Essa variação, que é legítima e necessária, já foi sabidamente admitida pela Lei 4.024, quando colocou os chamados cursos técnicos (industrial, agrícola, comercial e outros), até então vistos e realizados em nível e grau inferiores ao secundário (médio), como equivalentes a este, tanto no conteúdo formador como na habilitação para o acesso ao terceiro grau. Naturalmente, para que fossem assim, não só por titulação legal, mas por conteúdo formador, impôs-lhes um currículo mínimo e uma atenção com a cultura humana que os tornassem nuclearmente equivalentes. Com essa exigência aten-

ria também a um postulado que a evolução rápida e as mudanças daí surgidas já não permitiam que fosse esquecido: um conhecimento teórico suficientemente amplo e rico que habilitasse os diplomandos a se adaptar às mudanças que lhes sobreviessem.

Trata-se do desmembramento em vista dos pretendidos vestibulares. Isto é, o retorno ao famigerado vestibular específico. Isso será um cri-

me, não só contra a Nação — pondo a “Nação em risco”, como percebeu, em 1983, a comissão nomeada pelo governo americano para avaliar a educação no país (*A Nation at Risk*) —, mas contra a pessoa humana.

O homem é um ser de cultura. A plenitude humana não se circunscreve a uma profissão, mesmo para quem seja nela bem-sucedido e, como se diz, seja nela um realizado. A criatura humana é mais que isso. Numa linguagem que pode parecer rude, mas, bem entendida, é verdadeira, é preciso antes ser homem para vir a ser um profissional. Mais ainda: mesmo em vista do êxito profissional, o que assenta a sua formação profissional ou especializada sobre uma base de cultura geral, sobre uma inteligência que expandiu e

se plenificou de um modo universal, tem maior força criativa, maior riqueza e, com isso, maiores alegrias.

Francisco Campos, já em 1931, numa exposição de motivos para uma reforma da educação, dizia lucidamente que “o ensino secundário (médio), esvaziado de sua função eminentemente educativa, que é, precisamente, o desenvolvimento da faculdade de apreciações, de juízo e critério, essenciais a todos os ramos das atividades (...), fica reduzido a mera chancelaria de exames.”

Reduzir o ensino médio (segundo grau) a mera antecipação de especializações, inevitáveis no atual curso superior, é vedar o surgimento da faculdade do pensar, é preparar robôs em lugar de gente.

Já disse certa vez, repetindo o professor Piquet Carneiro, então diretor da Faculdade de Ciências Médicas: cuide o colégio de ensinar Português, Matemática e Inglês e deixe a Biologia por conta da faculdade, que a ensinará melhor. Em outras palavras: se quiserem aliviar o ensino médio de alguma disciplina, eliminem as tidas por específicas, deixando-as a cargo do ensino superior, e reservem o tempo para ensinar o que, se não o for agora, nunca mais será ensinado.

Ao falar de Piquet Carneiro, lembro-me de outro professor de Medicina, que o foi dele e meu, o professor Raul Leitão da Cunha. Não sei se era um grande didata, sei que era um grande mestre, sé-

rio, exigente e com o olhar voltado para o bem de seus alunos. Dizia-nos, em 1933, no nosso 4º ano de Medicina, na Praia Vermelha: “Vocês vão ter dificuldades no início dos trabalhos da profissão que escolheram. Umas são normais e inevitáveis. Outras, porém, decorrerão da falta de um aprendizado sério, neste momento em que cursam a faculdade. Nesse tempo, vocês vão se lembrar, com mágoa ou queixa dos professores que chamam de camaradas. Daqueles que não cobraram de vocês o aprendizado, que relaxaram as provas e verificações. Sentirão os vazios, então, criados, que nunca mais serão recobertos.” Mais ainda, criando o vestibular específico, antecipa-se especialização. “Privar”, diz Arseniev, “um jovem da instrução geral, (...) substituí-la por uma formação especializada (...) é privá-lo de um direito fundamental à expansão de todos os seus dons e faculdades.”

Bertrand Russel defendia a tese modernosa de que nada deveria ser imposto ao estudante. Respondeu-lhe Hutchins, grande educador americano: se o professor não “forçou” o secundarista a ler Shakespeare, vai ser lembrado mais tarde como alguém que deixou privado de um bem precioso e nunca mais recuperável.

Espero que o desmembramento anunciado do segundo grau não esteja na linha desse crime.

■ Dom Lourenço de Almeida Prado, OSB, é reitor do Colégio São Bento (RJ)